

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 107

Data: 10.01.75

Pg.: 1

A Funai quer acertar. Mas ESP-10.1.75 com quem?

O presidente da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira, afirmou que irá afastar do contato com os waimiris-atroaris e punir exemplarmente o sertanista Sebastião Amâncio por suas declarações a um jornal de que deveriam ser utilizadas bombas, metralhadoras e dinamite para "dar uma lição exemplar" aos índios que mataram Gilberto Pinto. Ao mesmo tempo, anunciou ter convidado os irmãos Orlando e Claudio Vilas Boas para o trabalho de aproximação daqueles indígenas.

As declarações do presidente da Funai mostram que ele, ao contrário do seu antecessor, pretende resolver com rapidez problemas do gênero que surgem frequentemente, evitando que protelações injustificadas provoquem reações pouco favoráveis no Brasil e no exterior. Acreditamos, entretanto, tenha sido o presidente da Funai excessivamente benigno, pois deveria ter anunciado não uma punição exemplar, apenas, mas a demissão imediata do sertanista que mais parece um simples mateiro, se confirmadas as suas declarações. Trata-se, decididamente, de pessoa não só despreparada mas pernicioso ao trabalho de aproximação do índio brasileiros, delicado e difícil, que exige equilíbrio, coragem, dedicação e, acima de tudo, profundo amor. Nada disso parece existir no mateiro Sebastião Amâncio.

Por outro lado, o fato mostra também o total despreparo dos sertanistas brasileiros e a fragilidade da Funai para enfrentar um assunto dessa gravidade. O novo presidente, ao agir com presteza, mostra grande vontade de acertar; a presença, porém, de homens como Amâncio nos quadros da Funai, e ainda mais em trabalhos de vanguarda junto a índios arreliados, revela uma falta assustadora de pessoal qualificado. Como chegou ele até tal posto? A verdade é que, inconformados com a administração anterior, os poucos sertanistas de valor que se encontravam em serviço decidiram afastar-se, como Antônio Cotrim, incompreendidos em sua política de aproximação lenta dos índios, ou os irmãos Vilas Boas, que se estão aposentando, após toda uma vida de dedicação à causa indígena. Com a morte de outros, como Meireles, e agora Gilberto Pinto, restam, no Brasil, apenas três sertanistas realmente capazes: Claudio e Orlando Vilas Boas e Apoena Meireles, todos já com uma longa tradição de desentendimentos com os anteriores superintendentes da Funai.

No momento, com a abertura de novas estradas na Amazônia, com a penetração dos fazendeiros e dos peões que abrem as primeiras picadas na selva, é imprescindível que a Funai seja fortalecida, financeira e administrativamente, para que possa renovar-se e reformular seus quadros, treinar pessoal, oferecer salários compensadores e não apenas os 3 mil ou 3.200 cruzeiros que recebe um sertanista em fins de carreira.

O presidente da Funai, de uma certa forma, reconhece esses problemas, a escassez de elementos preparados e revela descortino e desassombramento ao convidar os irmãos Vilas Boas para o apaziguamento dos waimiri-atroaris, a despeito das antigas divergências.

A Funai precisa de apoio para poder mudar, para manter homens como Sebastião Amâncio longe de seus quadros. E, para isso, deve atender à experiência dos poucos sertanistas que ainda existem para buscar inspiração na grande missão que lhe foi destinada. Somente assim poderemos preservar o índio brasileiro e proteger a imagem do País no Exterior.